

A Semana de 1922 e a modernização do país

André Calazans¹

No aniversário de 100 anos da Semana de Arte Moderna de 1922, muito se discute sobre sua importância para a cultura brasileira. Mito de origem do modernismo brasileiro, de fato, não se deve considerá-la como um ponto de ruptura absoluta com o passado, como se toda arte produzida anteriormente fosse reflexo de um estado mental do século XIX, com temática e estética atrasadas e importadas. Além das exposições de arte moderna de Lasar Segall (1913) e Anita Malfatti (1917), as obras de Euclides da Cunha (1866-1909), Lima Barreto (1881 – 1922) e Almeida Júnior (1850-1899), entre outras, já retratavam a realidade social de forma crítica ou com abordagem regionalista. Entretanto, é inegável a importância da Semana de 1922 como movimento organizado e simbólico, dotado de repercussão muito além dos três dias de exposições, apresentações e palestras no Theatro Municipal de São Paulo.

A despeito da capacidade propagandística de seus organizadores e da construção da narrativa histórica décadas após o evento, o movimento teve luz própria e autenticidade. Nesse sentido, não foi uma mera adaptação do modernismo internacional, geralmente identificado com as chamadas vanguardas europeias das artes plásticas. Como pregava a antropofagia, corrente de sua fase inicial, acabou absorvendo e digerindo a modernidade estrangeira, mas sempre propondo uma arte genuinamente nacional. Se lá fora a ruptura era a palavra mais forte, por aqui procurou-se também um (re)conhecimento da brasilidade, algo importante em uma nação que foi colonizada e ainda em processo de formação de sua identidade. Assim, o vigor do movimento fez com que se desdobrasse em fases ou gerações ao longo do século XX, influenciando fortemente não só as artes plásticas e a literatura, mas a cultura brasileira de uma forma geral. Podemos identificar seus ecos, por exemplo, em movimentos como a Bossa Nova, o Cinema Novo e a Tropicália.

De todo modo, para compreendermos a Semana de 1922, é importante analisarmos seu contexto histórico. O evento transcorreu em uma época de intensa movimentação intelectual, científica e social, em que discussões sobre as teorias de Sigmund Freud (1856-1939) e Albert Einstein (1879-1955) ocorriam simultaneamente a convulsões sociais como a Revolução Mexicana (1910-1917), a Revolução Russa (1917) e a Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Em 1922, a Marcha sobre Roma,

¹ Graduado em História pela Uninter, mestre em História pela Fundação Getúlio Vargas/CPDOC e professor do Pré-Vestibular Comunitário SejaMais (PUC-Rio).

liderada por Benito Mussolini, marcava a ascensão do fascismo italiano ao poder. A 2a. Revolução Industrial se consolidava nas nações mais desenvolvidas e despontava o Estado de bem-estar social (Welfare State). Desde o início do século, o desenvolvimento tecnológico viabilizou produtos como o avião, o helicóptero, o carro popular de Ford, a ignição elétrica automotiva, o ar-condicionado, a fotografia colorida, a lâmpada de néon, o aço inoxidável e o rádio de ondas curtas, entre muitos outros. No final da década de 20, a crise da Bolsa de Nova Iorque (1929) abalava os sonhos de desenvolvimento e prosperidade de grande parte do mundo.

O Brasil encontrava-se no final de sua primeira fase de urbanização, iniciada nas últimas décadas do século XIX. No Rio de Janeiro, ocorreu a Revolta da Chibata (1910), motim de marinheiros contra castigos físicos. A Greve Geral de 1917 eclodiu em São Paulo, que se desenvolvia, enquanto a economia do Rio de Janeiro decrescia de importância. Em 1918, a gripe espanhola chegou ao país de navio, causando no mínimo 35 mil óbitos. Ocorria a ascensão de camadas médias com pretensão intelectual e modernizadora, ameaçando as oligarquias e impulsionando movimentos como o tenentismo, que gerou a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana (1922), a Revolta Paulista e a Comuna de Manaus, ambas de 1924, e a Coluna Prestes (1925-1927). Inicia-se um processo de diversificação econômica beneficiada pelo conflito mundial, o que viria a impulsionar a industrialização brasileira na década seguinte. A cidade de São Paulo ainda vivia a sua belle époque com ares de desenvolvimento e liberdade individual, tendo entre sua aristocracia mecenas influenciados pelas novidades do Velho Mundo e desejosos de protagonismo cultural.

Dessa forma, o movimento modernista brasileiro transcorreu em uma época de questionamentos, inovação e convulsões sociais, que faziam parte do ambiente no qual aqueles jovens artistas procuravam se alinhar com o futuro. O Grupo dos Cinco, formado por Anita Malfatti (1889-1964), Mário de Andrade (1893-1945), Menotti Del Picchia (1892-1988), Oswald de Andrade (1890-1954) e Tarsila do Amaral (1886-1973) foi responsável pela tração inicial do movimento, apesar de esta última não ter participado da Semana, em razão de viagem ao exterior. Anita Malfatti acaba, de certo modo, retornando à arte acadêmica, mas seu legado precursor permaneceu e inspirou inúmeros artistas. A década termina com o movimento político-militar que encerra a Primeira República (1889-1930), levando Getúlio Vargas à presidência com uma proposta de modernização e construção de identidade nacional que buscou atrair artistas e intelectuais para seu projeto nacional.